

## DISCIPULADO EM MARCOS

Rita Maria Gomes\*

### RESUMO

Esse pequeno artigo tem por objetivo pensar o tema do discipulado para nosso momento específico. Fundamenta-se no Evangelho de Marcos e é iluminado também pelos desafios lançados pela Conferência de Aparecida. Como sermos Igreja, discípulos e missionários hoje?

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho de Marcos; discipulado; ver; seguir.

### ABSTRACT

This short article aims to think about the theme of discipleship for our specific time. It is based on the Gospel of Mark and is also illuminated by the challenges launched by the Aparecida Conference. How can we be a church, disciples and missionaries today?

KEYWORDS: Mark's Gospel, discipleship, to see, to follow.

### Introdução

Diferente de Mateus e Lucas, para quem o discipulado é matéria de destaque porque visto já em função das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo greco-romano, em Marcos a figura do discípulo é um pouco complexa. Tal figura nos é apresentada praticamente como um espelho do mestre, ou seja, a figura do discípulo não nos chega primeiramente através das pessoas concretas que seguem Jesus. Os discípulos são como que o “negativo” da foto do verdadeiro discípulo revelado em Jesus.

Assim, para termos uma visão ampla e completa do discipulado em Marcos, devemos analisar a figura mesma de Jesus e, não a de seus seguidores, em todo o evangelho, como faz muito bem Hugo Martinez na obra *Discipulado no Evangelho de Marcos*, uma publicação do CELAM<sup>2</sup>.

---

<sup>1\*</sup> Graduada em filosofia pelo ITEP, atual Faculdade Católica de Fortaleza – FACAF; Graduada e Mestra em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; Membro da Comissão de publicações do Vicariato Pastoral da Arquidiocese de Belo Horizonte. Atualmente leciona Sagrada Escritura na FAJE-BH e Seminários Arquidiocesanos de Mariana e Diamantina.

<sup>2</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Hugo O. Martínez A. *Discipulado no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005 (Coleção Quinta Conferência – Bíblia).

Mas não pretendemos repetir o trabalho de Martinez, ou mesmo corrigi-lo, por isso, analisamos o discipulado e vislumbramos a missão no Evangelho de Marcos em algumas perícopes específicas, escolhidas em vista da brevidade do artigo e da importância das mesmas, serão elas: Mc 1,16-20 e 2,13-17; Mc 8,27-33; Mc 10,17-31 e Mc 16,1-8.

Segundo Martinez e a maioria dos estudiosos, o Evangelho de Marcos tem dois temas principais. O primeiro é a identidade de Jesus, tema que se torna claro ao observarmos o esquema geral do evangelho, e o segundo é o discipulado.

Martinez nos apresenta ainda diversas tendências quanto ao segundo tema. Fala de uma tendência conservadora que vê no evangelho uma imagem positiva dos discípulos. Uma tendência liberal que vê na teologia de Marcos uma “difamação dos discípulos” e ainda uma tendência intermediária para quem o evangelho apresenta em parte uma visão negativa dos discípulos e em parte uma visão positiva dos mesmos<sup>3</sup>.

As perícopes aqui analisadas propõem uma leitura mais próxima do texto da Escritura e buscamos, nessa análise, descobrir a real situação do discipulado em Marcos<sup>4</sup>.

## 1 Esquema do Evangelho

O Evangelho de Marcos é elaborado em função das questões sobre a identidade de Jesus e seu material organizado seguindo o esquema literário do “segredo messiânico”. Essa teoria, tal como desenvolvida por William Wrede, ou seja, enquanto artifício literário do autor neotestamentário, é hoje indiscutível<sup>5</sup>.

Contudo, desde Wrede, o problema constante é uma transposição entre o plano literário e o histórico que ainda hoje muitos autores fazem. Hugo Martinez discorda radicalmente da teoria do segredo messiânico e justifica seu ponto de vista afirmando que a imposição de silêncio se deve à incompreensão da identidade de Jesus. Afirmação

---

<sup>3</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Hugo O. Martínez A. *Discipulado no Evangelho de Marcos*, p. 13.

<sup>4</sup> Para o estudo bíblico deste artigo foi utilizada a versão original grega: NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, bem como a edição portuguesa: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

<sup>5</sup> Cf. MINETTE DE TILLESSE, George. *Le secret messianique dans l'évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1968.

correta do ponto de vista teológico. Isso significa que o autor em questão cai na mesma armadilha de muitos outros, isto é, pensar que, quando se fala de segredo messiânico, se está pensando em imposições de silêncio no plano histórico, como um desejo de Jesus<sup>6</sup>.

Para nós, isso não invalida a teoria do segredo messiânico, antes a corrobora, pois era necessário guardar silêncio para ter condições de reconhecer um messianismo como o de Jesus. Para isso, fazia-se imprescindível caminhar com Jesus até a cruz.

A obra de Marcos divide-se em duas grandes partes, tendo como eixo a passagem de 8,29. A primeira parte expõe ou tenta responder as questões: Quem é este? Que reino é esse que Ele anuncia? Em 8,29 a pergunta é: Este é messias? E a segunda parte nos mostra que Ele é um messias diferente do esperado pelas “expectativas messiânicas” existentes naquele período<sup>7</sup>.

As perícopes privilegiadas aqui procuram cobrir esses pontos. Assim, Mc 1,16-20 se encontra na primeira parte; Mc 8,27-33 constitui a “dobradiça” e, por fim, Mc 16,1-8 que encerra o Evangelho e deixa em aberto a missão dos discípulos que vai iniciar.

## **2 Vocação: os primeiro relatos (Mc 1,16-20; 2,13-17)**

Esta perícopa é precedida pela prisão de João Batista e o retorno de Jesus a Galileia e seguida pela cura do endemoninhado em Cafarnaum. Aqui se dá o início histórico e teológico do seguimento de Jesus.

O versículo 16 nos informa que Jesus caminhava junto ao mar da Galileia e viu Simão e André que lançavam as redes. Isso indica a precedência de Jesus na ação. Jesus vê e depois chama. Isso aponta para o fato de a vocação ser sempre iniciativa divina, como o profeta Jeremias, escolhido desde o ventre materno (Cf. Jr 1,5).

No capítulo seguinte encontra-se a narrativa da vocação de Levi. Esta se dá também a beira-mar. O texto diz que Jesus saiu de novo para a beira-mar e quando ia passando viu Levi. Novamente o vê é o agente acionador do chamado. Esse relato é análogo aos primeiros e, como nos outros, encontra-se a prontidão em seguir Jesus.

---

<sup>6</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>7</sup> Cf. RODRÍGUEZ CARMONA, António. “Evangelho segundo Marcos”. In: AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, António. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2004.

O versículo 17 diz que Jesus os convida a segui-lo. Literalmente diz: “vinde após mim” ou “vinde atrás de mim”. Esse é o lugar mesmo do discípulo, ir atrás do mestre; segui-lo é conformar-se com a vida do mestre. O versículo continua com a explanação do objetivo do chamado e este tem caráter escatológico.

No AT a imagem da rede de pesca evoca antes o castigo (Ez 12,13; Hab 1,15.17; Jr 16,16). Aqui se aplica à missão futura dos Doze (6,7-13) que através da pregação do evangelho irão congregar homens em vista do Reino de Deus (cf. Mt 13,47-50).

No versículo 18 é-nos exposta a atitude própria daquele que é chamado, convocado ao serviço do Reino: a prontidão com que respondem “deixando as redes, seguiram-no”. Nos versículos 19-20 temos um segundo chamado a uma segunda dupla de pescadores que a exemplo dos primeiros respondem com a mesma prontidão. É interessante que nada é dito sobre Este que chama – quem é Ele? Por que tal poder de persuasão?

Nada há de extraordinário, segundo o relato; certo é que foram profundamente tocados por essa figura enigmática. Provavelmente o duplo chamado que não é comum nos relatos de vocação, indica já uma experiência de missão. O missionário não anda sozinho, ele tem sempre um companheiro de jornada (cf. Lc 10,1-16; At 13,1-3; 15,39-40).

Os relatos de cura e libertação que seguem fazem parte do ensinamento dos discípulos por parte de Jesus porque estes seguem e aprendem do agir do mestre. Serve ainda ao descobrimento gradual da identidade do mestre. Em todos esses relatos aparece a incompreensão por parte dos seguidores de Jesus. Eles temem o desconhecido, o miraculoso agir de Jesus.

Marcos relata o chamado de alguns dos seus discípulos e só depois apresenta a chamada “instituição dos doze” mais em função do relato da “missão dos doze” que em vista da vocação, por isso, não analisaremos essa questão aqui.

### **3 Proclamação messiânica de Pedro (Mc 8,27-33)**

Na verdade aqui temos duas unidades distintas vistas como um bloco: a profissão de fé por parte de Pedro e o primeiro anúncio da paixão. Este trecho é precedido pela narração da cura do cego de Betsaida e seguido pela explanação das condições para o seguimento de Jesus.

Para entender porque Pedro foi capaz de fazer essa profissão de fé, i.é., reconhecer em Jesus o messias é necessário ter em mente que a cura do cego em Betsaida é na verdade a cura da cegueira do discípulo. Ele caminhou com Jesus, mas não pôde realmente ver porque estava cego pelo medo e pela incredulidade; curado pode finalmente ver Jesus.

O “ver” no Evangelho de Marcos segue a dinâmica do “ouvir” no AT, é muito mais que um ato físico; tem um peso teológico imenso. Ver é já “comprometer-se com”. Jesus viu Pedro e André, viu João e Tiago, viu Levi e agora os discípulos, na figura de Pedro, vêem Jesus.

Estamos bem na “dobradiça” do Evangelho. O tema da identidade de Jesus é trabalhado aqui com clareza. Se em todos os relatos até este momento a pergunta que movia era – quem é este? Agora se abre a resposta. Esta é dada não pelo conhecimento humano, ou seja, pela razão, mas é revelação do Pai (cf. Mt 16,13-20). Em Marcos, após a profissão de fé, há simplesmente a proibição de não falar sobre isso a quem quer que seja.

Segue o primeiro anúncio da paixão. O versículo 31 dá o “tom” do messianismo de Jesus. Não é um rei, segundo a expectativa davídica, recordemos que as referências a Jesus como Filho de Davi reportam a esta expectativa de um messias rei; não é simplesmente um profeta, nem tampouco um sacerdote como ansiosamente esperava a casta sacerdotal. Ele é sacerdote (cf. Hb 4,14; 6,20), profeta (Mt 21,11-46; Mc 6,15; Lc 7,16) e rei:

Jesus reúne em si todas as esperanças messiânicas, mas, as supera todas. Ele escapa aos modelos pré-concebidos pelas diversas linhas que esperavam um messias libertador e restaurador do reino de Israel.

Na sequência (vv 32-33) percebemos que os discípulos, apesar da “cura da cegueira” e da profissão de fé, ainda não compreendem Jesus e seu messianismo. Por isso, Jesus os repreende ao repreender Pedro, já que ele representa os discípulos de forma mais restrita e a Igreja em âmbito mais geral, ou seja, é uma figura coletiva. O

versículo 33 nos diz que “Jesus, voltando-se e vendo os seus discípulos, repreende Pedro.” Jesus percebe que não é somente Pedro que não compreende e sim os seus seguidores como um todo.

Jesus diz a Pedro: “vai para trás de mim, satanás”<sup>8</sup> (tentador) e não “afasta-te de mim” como trazem a maioria de nossas traduções. Jesus quer recolocar os discípulos no lugar que lhes é devido, i.é., atrás do mestre; no lugar do aprendizado.

O discípulo, na figura de Pedro, é convidado novamente a seguir Jesus, pois seus pensamentos são ainda os dos homens e não os de Deus. Ele ainda não chegou à comunhão de vida com o mestre, necessária ao discipulado e à missão.

O mesmo Pedro que professa a fé no messias é o mesmo que ignora esse messianismo; é o mesmo que nega conhecer Jesus. O discípulo, em Marcos, alterna entre prontidão em seguir e negação / fuga diante do perigo; entre proclamação da fé e silêncio por causa do medo.

#### **4 O seguimento e suas exigências (10, 17-31)**

No contexto de formação e missão encontramos uma referência ao seguimento em 10,28-31. Esse trecho é parte da perícopa do rico que deseja seguir Jesus. A questão principal aqui gira em torno das condições ou exigências do seguimento. Não é possível seguir Jesus sem renunciar a falsa segurança da riqueza.

Diante da dificuldade para os ricos de se salvarem os discípulos perguntam entre si “*então quem poderá salvar-se?*”. Pedro, em nome dos demais, diz “*Senhor, deixamos tudo e te seguimos*”. Poderíamos continuar refletindo sobre o texto, mas nesse momento, de modo muito simples, Pedro faz também uma observação que dispensa outros comentários: eles deixaram tudo. Toda sua segurança está no Senhor.

A essa declaração de desapego o Senhor os recorda que terão sua recompensa, mas que esta virá com perseguições. Já em 8,34 Jesus tinha dito “*Se alguém quer vir*

---

<sup>8</sup> O original grego nos trás “ο` de. evpistrafei.j kai. ivdw.n tou.j maqhta.j auvtou/ evpeti,mhsen Pe, trw| kai. le,gei\ u[page ovpi,sw mou(”. Observemos que u[page é uma construção da preposição u`po,, + o verbo a;gw. A preposição significa *atrás, debaixo* ou *sob*. O verbo pode ser traduzido por *ir-se embora, partir, retirar-se, ir*. Mas, nosso trabalho ainda não está terminado, pois o texto apresenta outro termo ovpi,sw que tem a função de advérbio local que tanto pode ser estático e, nesse caso significa *atrás*, ou dinâmico significando “*em pós*”, ou seja, “*ir após*”. Cf. NESTLE-ALAND, Novum Testamentum graece. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

*após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me!*” Não só a renúncia é condição para o seguimento, o carregar a cruz também. Por isso recorda que a recompensa pelo “deixar tudo” virá com perseguições. Mas, a palavra final é a promessa da vida eterna.

## **5 A ressurreição e o encargo dado às mulheres (Mc 16,1-8)**

No anúncio da ressurreição se encerra o Evangelho de Marcos. A ressurreição é o selo de autenticidade do messianismo de Jesus. O Pai ressuscita Jesus.

Importa ressaltar que não há testemunhas da ressurreição, apenas o anúncio da mesma por um “jovem” ou “anjos” àqueles que vão ao túmulo procurar o corpo de Jesus e o encontram vazio. A ressurreição é uma experiência de fé, não demonstrável empiricamente.

As testemunhas do “sepulcro vazio” são, segundo Marcos, Maria Madalena, Maria de Tiago e Salomé. Mateus nos diz que são Maria Madalena e a outra Maria. Lucas nos diz que são Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago e João fala somente de Maria Madalena. A diversidade de dados e nomes, presente nesses relatos, nos indica que muitas mulheres seguiam Jesus, dentro claro, das possibilidades de seu tempo e cultura.

São as mulheres discípulas e não um dos doze, as primeiras a viverem a experiência da ressurreição. Marcos é o único a afirmar que elas nada falaram porque tinham medo (16,8)<sup>9</sup>. Também elas, como discípulas, participam da incompreensão e do medo, característica dos seguidores de Jesus no Evangelho de Marcos.

O fato de serem as primeiras a constatarem a ressurreição não representa nenhum privilégio, nenhuma superioridade em relação aos homens. Elas estão nas mesmas condições que todos os outros discípulos de Jesus.

## **Conclusão**

---

<sup>9</sup> Segundo Focant aqui se apresenta uma inversão no esquema do segredo. Antes as pessoas queriam falar e eram proibidas, agora as mulheres são enviadas a proclamar a ressurreição e calam. Mas, esse silêncio não é em vão, visa à convocação de todo e qualquer leitor da obra marcana a anunciar a Boa Nova. Cf. FOCANT, Camille. “Un silence que fait parler –Mc 16,8”.

Os elementos que caracterizam um discípulo são: vocação, formação e missão. É a partir dessa perspectiva que deve ser analisado o tema do discipulado. Há um chamado por parte de Jesus e vimos isto, de modo emblemático, nos relatos de vocação dos primeiros discípulos. Vocação aqui corresponde ao chamado.

A formação constitui a parte mais ampla e corresponde, no Evangelho, o caminho percorrido com Jesus. Todos os atos e palavras de Jesus, sejam endereçados aos discípulos ou a outras pessoas, são ensinamentos para os chamados, fazem parte da formação.

A missão, grosso modo, consiste em fazer o que o mestre fez e ensinou. Não de forma estática, a título de imitação, mas conformação à vida e ao espírito do mestre. Viver como ele viveu. Disto podemos intuir que a missão dos discípulos só se inicia depois da ressurreição. Quando estes têm uma experiência com o ressuscitado, conseguem finalmente compreender. Dão o salto do medo à fé (Mc 4,35-41; 5,21-43).

Pela leitura atenta do Evangelho de Marcos não podemos afirmar que ele seja uma “difamação dos discípulos”; tampouco afirmar que traga uma visão positiva dos mesmos. Não podemos negar o testemunho escriturístico. Ele respeita o esquema da obra. Nele a identidade de Jesus é o centro e é esse tema que marca o ritmo da narrativa.

Assim, não só os discípulos, também a família de Jesus, as autoridades “civis” e religiosas da época participam de tal incompreensão. Apenas os seres supranaturais conhecem Jesus, é o caso dos demônios (1,24; 5,7; cf. 1,34) e claro, do Pai (1,11; 9,7). Só após a morte de Jesus, um humano o reconhecerá como Filho de Deus: o centurião romano (15,39).

Há uma preocupação em afirmar o comportamento demasiado humano dos discípulos: a inconstância durante o seguimento frente à fidelidade de Jesus, desde o momento em que Jesus vê e chama cada discípulo.

Isto é reconfortante para nós, homens e mulheres cristãs, conscientes de nossa inconstância, sabermos que temos um Deus fiel; que tendo chamado jamais abandona e acolhe inteiramente a cada volta. Assim fez Jesus ressuscitado: “*ide, dizei a seus discípulos e a Pedro: Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis como ele vos disse!*” Independente do abandono na hora da prisão e da morte, Jesus vai ao encontro dos seus.

Jesus ressuscitado espera-nos na Galileia!!!

## Referências

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Hugo O. Martínez A. *Discipulado no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005 – Coleção Quinta Conferência – Bíblia.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

NESTLE-ALAND, Novum Testamentum graece. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

FOCANT, Camille. “Un silence que fait parler –Mc 16,8”. In: \_\_\_\_\_. *Marc, un évangile étonnant: recueil d’essais*. Paris: Leuven University Press, 2006.

RODRÍGUEZ CARMONA, António. “Evangelho segundo Marcos”. In: AGUIRRE MONASTERIO, Rafael; RODRÍGUEZ CARMONA, António. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2004.

MINETTE DE TILLESSE, George. *Le secret messianique dans l’évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1968.

Artigo recebido em 01.02.2012

Artigo aprovado em 19.04.2012